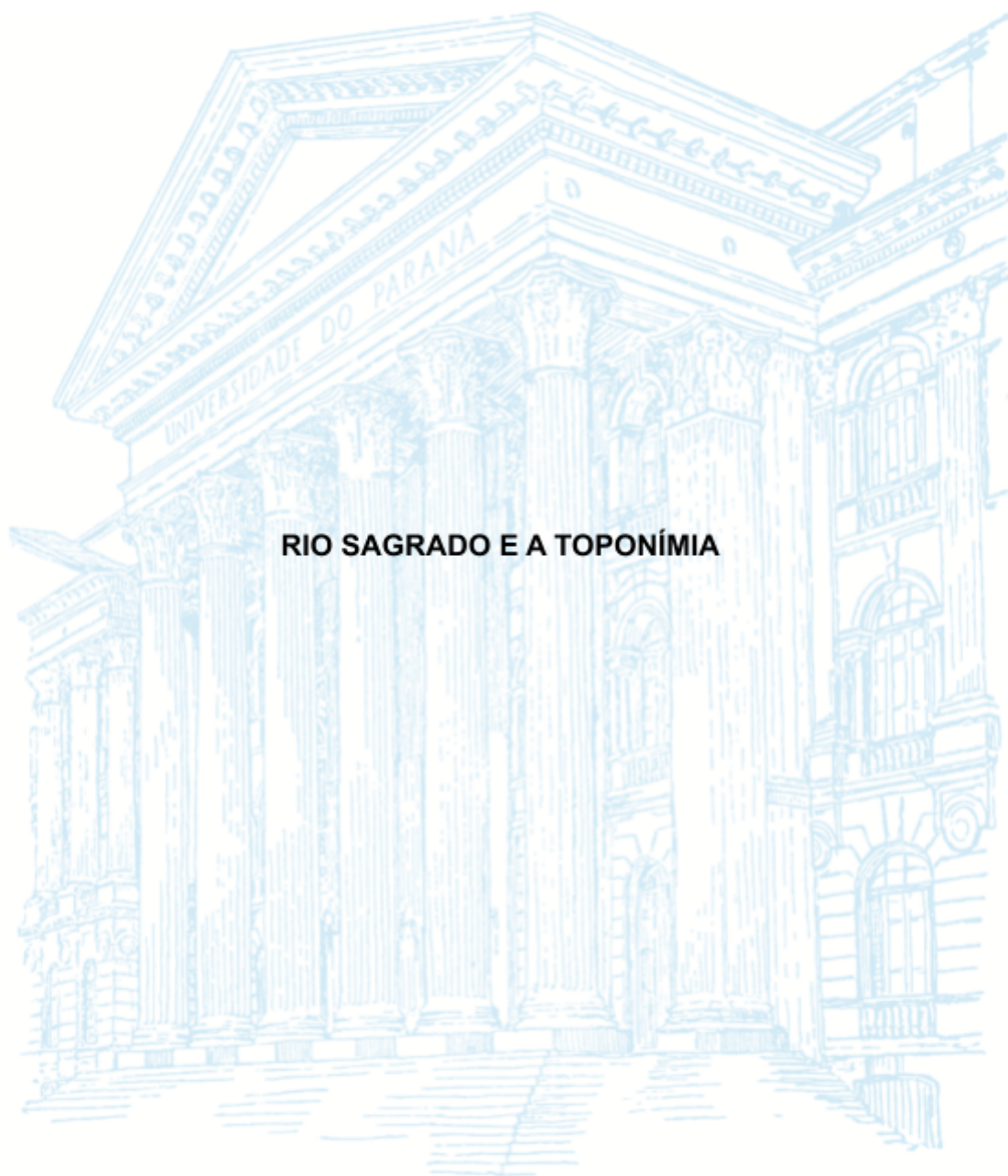


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**LUCIANO ALVES DA SILVA
EVANGELISTA**



RIO SAGRADO E A TOPONÍMIA

**Matinhos
2022**

**LUCIANO ALVES DA SILVA
EVANGELISTA**

Rio Sagrado e a Toponímia

Monografia apresentada como requisito
formativo de conclusão do curso de
Licenciatura em Linguagem e
Comunicação.

Orientadora: Dra. Ana Josefina Ferrari

**Matinhos
2022**

SUMÁRIO

Resumo	4
Introdução	5
Objetivo Geral	6
Objetivo Específico	6
Metodologia	6
História do Rio Sagrado	7
Os três caminhos da Serra do Mar	11
Ciclos econômicos do Rio Sagrado	12
O Rio Sagrado Hoje	13
Referencial Teórico	15
Topônimos do Rio Sagrado	20
Conclusão	24
Referências	26

RESUMO: Este estudo buscou apresentar o que os topônimos podem significar para a cultura do Rio Sagrado. A pesquisa "Rio Sagrado e a Toponímia" tem por **objetivo** realizar o levantamento dos topônimos da comunidade do Rio Sagrado nos textos históricos e Mapas, roteiros e outras fontes primárias de pesquisa historiográfica disponíveis. A **metodologia** do projeto consiste em pesquisar em mapas e textos históricos, buscando e relatando o que está registrado, e descrever as origens e significados desses topônimos a partir de uma análise semântica. Os **resultados** apresentados são de 13 topônimos, que foram registrados e têm elementos de caracterização da comunidade e trazem consigo toda a significação cultural e histórica. Uma parte desses nomes são de origem do tupi-guarani e outra é de caçadores da época. A **conclusão** mostra a importância da toponímia na história da humanidade e da comunidade através da sua memória. Os topônimos são enunciados linguísticos que carregam os seus significados e, por isso, revelam os aspectos referentes à história de uma comunidade.

Palavras-Chave: Toponímia, Topônimo, história, Rio Sagrado.

Introdução

“A cidade não conta o seu passado, ela o contém [...]”

Ítalo Calvino

O presente trabalho traz um pouco da história do nosso litoral do estado de Paraná nas primeiras épocas, através de registros históricos, documentos e livros que trazem os desenvolvimentos desses lugares através do tempo. A pesquisa busca mostrar quem habitava estas regiões, e como nomeava os diferentes acidentes geográficos como morros e rio. Nosso trabalho procurou trazer os temas mais importantes da ancestralidade, valorizando o conhecimento e relatos das histórias do nosso litoral, especialmente daquelas vindas do território localizando onde está o Rio Sagrado e Morretes. Toda história contém nomes de lugares que se originaram, mas qual nome é dado? Buscar os registros históricos e esses nomes toponímicos que pesquisamos será importante para buscar as origens que aqui passaram.

O pesquisador e escritor **Isael Alves**, na sua pesquisa **“O resgate de Histórias, Lendas e Contos da Comunidade do Rio Sagrado”**, apresenta alguns nomes de pontos toponímicos a partir do relato das memórias de alguns moradores da região. O Rio Sagrado tem fragmentos históricos relatados por pesquisas que vieram a mostrar um pouco de suas histórias. Mas, através destas pesquisas, iremos mostrar quais são as memórias que ainda não foram perdidas dos nossos lugares, os sentidos que tomaram a construção dos relatos dos primeiros moradores e quais são as suas memórias. Assim, como os topônimos que serão relatados, contarão uma parte narrada desta comunidade e estabelecer as informações que foram esquecidas e valorizando esses lugares e a recordação que cada um tem, além da cultura tradicional. De acordo com Bossi 1994:

O resgate da memória de pessoas mais velhas, como os idosos, possibilita o resgate de memórias antigas sobre determinada história. Na memória dos idosos é possível encontrar uma história social bem definida, pois eles já passaram por certo tipo de sociedade com características bem marcadas e já viveram quadros de referência familiar e cultural também já conhecidas. (BOSSI, 1994, p. 32).

Considerando que o município de Morretes possui vasta população residente na área rural de acordo com o censo, constatou-se a importância da pesquisa desse saber, para a compilação, objetivando registrar tais informações para as futuras gerações e valorização das culturas tradicionais originárias deste território. Por esse motivo, o objetivo deste texto é realizar o levantamento dos topônimos presentes na comunidade de Rio Sagrado e observar através da análise dos mesmos os funcionamentos dos seus sentidos e suas memórias. Assim, procuramos, especificamente, realizar o levantamento dos topônimos da comunidade Rio Sagrado nos textos históricos e analisar Mapas, roteiros e outras fontes primárias de pesquisa historiográfica disponíveis a partir do campo teórico da semântica da enunciação. Desse modo, a metodologia a ser utilizada foi a pesquisa bibliográfica em artigos científicos, mapas, livros e outras fontes de textos históricos posteriores coletas de dados.

A pesquisa se focou principalmente em trazer as origens e histórias da região e catalogar os conhecimentos a respeito da toponímia popular que se encontram em Morretes no Bairro do Rio Sagrado. Com isso, conseguimos mapear os registros encontrados através dos conhecedores e pesquisadores, colocando a antropologia das histórias com a semântica enunciativa e possibilitando análise do discurso e da pesquisa historiográfica e desses materiais que foram levantados a partir do conhecimento levantado em campo, através do diálogo com os moradores.

História do Rio Sagrado

Os relatos mais antigos que encontramos a respeito da Vila de Rio Sagrado estão no Livro de Vieira dos Santos de 1851. No livro **Memória Histórica Chronologica Topographica, e Descriptiva da Villa de Morretes e Do Porto Real Vulgarmente Porto de Cima**. O autor narra como os primeiros povoadores da região chegaram nela e, também, conta a respeito da existência de povos originários no território. Inicialmente, as primeiras povoações de colonos se localizaram na Ilha da Cotinga, diz o autor, elas se assentaram entre os anos 1550 e 1560. Porém, a região já estava habitada. De acordo com o autor, a foz do Rio Sagrado era o local onde a principal aldeia de Índios Guaranis habitavam. nos relata, em nota de rodapé,

o seguinte;

Notta 1 Quando os primeiros colonos vindos de Cananea As Bahias de Paranagua, entre os annos de 1550 a 1560, acharão os contornos destas Bahias e em suas ilhas, todas povoadas de immensas hõrdas dos Indios Carijós, os quaes seguramente excederia o total de suas populações de 6 a 8 mil habitantes. Nação indígena dos Carijós, naturaes do país , e habitantes nos Contornos das Bahias, e nos Circulos dos municipios de Antonina , e desta Villa , onde parece que o Grão Caçique d'aquella Nação tinha o principal estabelecimento de sua Côrte no lugar que hoje se chãma - Sambaquî guassû (*) proximo a foz do Rio Sagrado, por quanto como pensão diversos autores (Notta 1) se os lugares de suas Aldeias onde habitavão era aquelles onde ao prezente se encontravão esses grandes môntes de Cascas de Ostras, porque destes e dos mais testaceos , marisco De onde se tira o fundamento no indicado lugar do Rio Sagrado era a contrarção as maiores ostreiras.(VIEIRA DOS SANTOS , 1851 p.p.9-10)

Vieira do Santos (1851) conta que grupos de Guaranis habitavam nos contornos do Rio Sagrado, Boavista, Rio do Ilhéos, Rio das Pedras, Ilha do Teixeira e Itapéma até Antonina. Os lugares descritos seriam os locais com vestígios das maiores Sambaquis do nosso litoral. Situado por diversos autores, diz que na alimentação *“o povo indígena não se alimentava só de ostras, também de mariscos e peixes por maior parte do ano”* (Vieira do Santos, 1851, p. 9-10) deixando nestes locais os vestígios das maiores Sambaquis do litoral Paranaense.

No ano de 1555 a 1560 os bandeirantes que vieram de Cananea, pelas baías de Paranaguá, se estabeleceram nas Ilhas próximas à nação indígena. Por um longo período de tempo, após passarem a ter contato com os habitantes indígenas, vieram a passar a terra firme navegando pelos rios, até as suas nascentes, esses Rios eram Cubatão conhecido hoje como Rio Nhundiaquara, o Rio Guarumbi conhecido como Marumby e Rio do Pinto. De acordo com Martins (1939) com a chegada dos colonos, os indígenas foram pouco a pouco sendo dominados pelos brancos, capturados e explorados pela bandeira de Jerônimo Leitão em 1585. O autor afirma, quando fala da etnia Carijó , o seguinte :

Dominadores de toda a costa marítima, de Cananéia á Lagôa dos Patos. Atacados e preados em grandes levas na região de Paranaguá pela “bandeira” de Jeronimo Leitão, em 1585. Pouco Antes de 1640, Gabriel de Lara, ao procurar estabelecer-se em Paranaguá, recebeu a hostilidade do gentio Carijó possivelmente ainda ressentido do assalto bandeirante de 1585, e prudentemente se localizou com a sua expedição na ilha da continga fronteira ao continente, para onde se transferido depois, fundando

a vila de N. S. do Rosario de Paranaguá. Tendo captado a confiança dos índios, deles se serviu para a descoberta e a exploração do ouro. Assim foi que os carijós da costa paranaguense que não foram escravizados pela bandeira preadora ou que não se internaram no sertão fugindo a outras agressões dos brancos, passaram a constituir o mastro da nossa população litorânea. (MARTINS, 1939, p.p 40)

Após a dominação dos brancos, a nação indígena foi pouco a pouco sendo invadida e, grande parte dos tupis-guaranis (denominados pelos brancos de Carijós) acabaram fugindo dos brancos devido às agressões que sofreram. De acordo com Vieira dos Santos, a ambição dos brancos fizeram com que adquirissem riquezas e explorassem as baías dos maiores rios e seus leitos até suas nascentes. Os rios explorados pelos colonos foram o Rio Cubatão conhecido hoje conhecido como Rio Nhundiaquara, o Rio Guarumbi hoje conhecido como Marumby e Rio do Pinto, extraindo ouro de aluvião. Com a ajuda dos índios descobriram diversas minas de ouro e com essas descobertas os brancos subiram serra acima, para outras regiões como, Pau Vermelho, Pantanal, Ribeirão Cangu e Uváporunduba.

Portanto, os brancos invadiram e exploraram toda a região em direção ao Sul, os morros e serras. Vieira do Santos aponta que a Estrada do Arraial, que foi aberta por piques pelos primeiros colonos em meio à mata, no ano de 1586 e 1590, ligando este caminho a Estrada do Arraial a São José dos Pinhais, um caminho que passava pelo Pau Vermelho, pelo terreno das Lavras chamado Pantanal, Limoeiro por onde subiam, para os Morros de Brejatuba, Serra da Fatura, Pau Occo e Palmital. Um dos primeiros meios de comunicação aberto pela Serra do Mar. Com isso Vieira dos Santos cita em nota de rodapé que neste trajeto surgiu o primeiro Porto do Litoral em Morretes:

Notta 3 o antigo porto do Padre João) da Veiga, e depois denominado de Theodora da Costa em razão desta mulher ahí fazer seu estabelecimento foi este lugar o primeiro pôrto de embarque e desembarque da Estrada do Arraial, hoje estaria hua povoação florescente se os Morretes não lhe tomasse adianteira a ser ali o pôrto geral do Contracto das passagens do Cubatão florecendo este, e fenecendo aquelle. (VIEIRA DOS SANTOS , 1851 p. 13)

O pesquisador Picanço (2011) traz em seu artigo: **A pesquisa mineral no**

século XVIII: o mapa da baía de Paranaguá, de Pedro de Souza Pereira (1653). afirma que havia 21 indicações de minas no litoral do Paraná. Portanto o que torna o mapa mais antigo e conhecido ainda hoje no Brasil é o que apresentamos a continuação:



Figura 1 – Mapa da Baía de Paranaguá (1653) de Pedro de Souza Pereira.

De acordo com Picanço (2011) a importância deste documento para a história da mineração de ouro no litoral mas, para a história do atual estado do Paraná é

enorme. O mapa foi executado em 1653 por Pedro de Souza Pereira. Pedro de Souza Pereira foi Nomeado provedor-mor das minas e tinha consigo uma carta com instruções sobre como providenciar o reconhecimento das minas de ouro recém descobertas nestas capitanias do sul do Brasil. Picanço ainda cita que:

Em carta de 20 de maio de 1653, Pedro de Souza Pereira informa ao Rei das diligências realizadas durante esta sua viagem, bem como da carta que havia feito. Este artigo tem como objetivos, dentro de suas limitações, amarrar as duas pontas desta história³, e estabelecer definitivamente Pedro de Souza Pereira como o autor da carta e seu contexto histórico em que ela foi feita. (Picanço, 2011, p. 204)

Os três caminhos da Serra do Mar

A Estrada da Graciosa foi um dos caminhos da Serra do Mar e fez parte de um período histórico do Litoral, aberto em 1807, por ordem do conselheiro Antônio José de Franca, e fazia uma grande ligação de Curitiba a Antonina que era vantajosa para o transporte de carros e carruagens. Em 1820 a estrada não satisfazia as necessidades do trânsito e ficou como motivação de comunicação entre os governos da província de Curitiba com a do litoral. Desse modo, em 1854, sofreu as primeiras modificações técnicas sendo melhorada para o trânsito de veículos. Assim, em 1866 as obras estavam em andamento pelo engenheiro Antônio Rebouças, que opinava em deixar a ligação da estrada do São João da Graciosa a Antonina e que ligasse o Porto de Cima ao Centro de Morretes construindo linhas de igual importância. Finalmente, em 1873 teve sua modificação quase inteira e passou a ser apenas uma estrada e prestando o desenvolvimento do Paraná, a ligação do Estado com Antonina e Litoral.

O Caminho do Itupava transpunha a Serra do Mar como um menor percurso que a Graciosa e do Arraial. Vieira dos Santos registra que a Estrada do Itupava foi um dos caminhos indicados por uma anta a um caçador da borda do campo, que a perseguia. O animal ao fugir do caçador embrenhou-se em meio ao mato da serra e no encaicho do animal, abrindo o pique atingiu o Porto de Cima. Esse trilho aberto

pelo caçador, resultou na Estrada de Itupava.

Dentre esses três caminhos (Graciosa, Itupava e Arraial), Vieira menciona como espaços de circulação e passagem importantes, o Rio Sagrado como espaço de passagem relevante no período e é uma das principais origens na história. Assim, como o Itupava e Graciosa, o Rio Sagrado tem por significado, de acordo com Ermelino de Leão (1918) salienta que a história do Rio Sagrado fazia parte do distrito da segunda capitania de Ordenanças da Vila de Antonina e segundo uma tradição antiga, Rio Sagrado foi dos primeiros tempos que escravos fugiam da violência causada pela invasão de Jerônimo Leitão e por ser dos primeiros tempos dos criminosos de Paranaguá.

Leão (1918) ainda descreve que, devido aos ouvidores da Capitania de Nossa Senhora do Rosário perseguirem, os delinquentes naquela época entravam na mata fechada e densa do Rio Sagrado. Mas, nesta época, não havia só delinquentes ou ladrões, descritos por Ermelino, mas sim escravizados e indígenas que fugiam das agressões dos brancos. Desse modo, o Rio Sagrado era o que salvava eles da violência e das agressões naquele tempo. Vieira dos Santos (1851) traz um mapa estatístico da população de Morretes em 1834 e coloca que na região do Rio Sagrado, a qual era habitada por 98 homens escravos e 142 mulheres escravas e 27 homens livres e 30 mulheres livres. Dentro disso, o Rio Sagrado, fazia parte do distrito da segunda companhia de ordenanças da Vila de Antonina, após muito tempo, o Rio Sagrado começou a se desenvolver, relatado por moradores e historiadores, os caminhos que foram abertos são dos piques de escravos e índios fugitivos na época de 1575 a 1834.

Ciclos economicos do Rio Sagrado

O Primeiro ciclo econômico na região do Rio Sagrado foi a cultura do fumo, café, cana-de-açúcar e frutas tropicais. Isael Alves (2019) diz que na época da colonização em 1885, e a população era de 40 famílias, composta de 182 pessoas sendo 51 brasileiros e 131 italianos. O Segundo ciclo vem com a chegada da família Chaves em 1925, que fortaleceu o plantio de grandes canaviais para alimentar o engenhos de cachaça da família e fornecer para outros engenhos de Morretes. O Terceiro ciclo econômico no Rio Sagrado com a chegada da família Radtke, de

origem alemã, se dedicaram à plantação e produção de banana na comunidade do Candonga, atendendo assim, o mercado local chegando a exportar para a Argentina. Desse modo, em 1961 os caminhos do Rio Sagrado foram abertos em estradas, pelo Sr. Valentim Gabardo, tendo como feitor, Sr. Manoel Correia, passaram a abrir a primeira estrada.

Por esses caminhos de perseguição, o Rio Sagrado começou a ser traçado em desenvolvimento, o que originou grandes ciclos econômicos na comunidade. Com isso a plantação de café em 1971 de João Malucelli foi um grande cultivo naquele tempo gerou aproximadamente 30 empregos, tendo comprovação pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC).

O Rio Sagrado Hoje

O Rio Sagrado apresenta área de 137,7 km², tendo como principal rodovia de acesso a BR-277 no Km 30, no trecho que liga as cidades de Curitiba e Paranaguá. Localizada inteiramente no município de Morretes, no Paraná. Ao Norte faz fronteira com Município de Guaratuba, ao Sul com o Município de São José dos Pinhais, ao leste e oeste com o Município de Morretes. Abrange as unidades geomorfológicas da Serra do Mar e Planície Litorânea, com a vegetação caracterizada Floresta ombrófila densa da Mata Atlântica. Na região existe a bacia do Rio Sagrado que dá nome ao território.



[Disponível em: mapa comunidade rio sagrado morretes - Bing images](#)

Para Gomes (2015) atualmente a comunidade é formada por aproximadamente 520 famílias, que se reúnem e se agregam entre si por território e por uma lógica que se aproxima de um rural tradicional. Segundo esse autor:

(...) nessas comunidades residem 520 famílias, sendo que 270 são residentes e destas, 113 estão ligadas ao modo de vida tradicional ou camponês. Na sua maioria, correspondem às famílias mais antigas, com características semelhantes às formas de organização das sociedades camponesas tradicionais, que mantêm uma relação propriedade-família trabalho com especificidades que as distinguem de outros agricultores familiares. Tais especificidades radicam principalmente na importância fundamental do grupo familiar no que diz respeito ao processo de transferência dos conhecimentos tradicionais, manutenção desse modo de vida, das formas de lidar com a terra e com as coisas da floresta, fazendo que os seus objetivos econômicos estejam intimamente relacionados às suas formas de sociabilidade. (GOMES, 2015, p. 46)

A economia da Comunidade do Rio Sagrado está em torno da cultura do

Palmito Pupunha, que foi trazido como uma alternativa para os tempos sazonais da banana, da laranja, da farinha de mandioca possibilitando a vida e fortalecendo a família no campo. O Rio Sagrado é rico em encanto e beleza, faz parte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade Brasileira (ICMBIO) e também de projetos de cicloturismo e, ao longo do tempo, a comunidade tomou forma. A comunidade faz parte de 43 bairros da cidade de Morretes, conforme informa o sítio oficial da Prefeitura na internet. Neste cenário territorial, se localiza o Bairro de Rio Sagrado, com grande força na agricultura, saneamento e segurança.

A comunidade tem hoje aproximadamente cerca de 750 famílias, a maioria delas moradores de longa data, para o fortalecimento foi criada a Associação de Moradores do Rio Sagrado – Amorisa, fundada em 1997. A união da comunidade trouxe melhorias e desenvolvimento para a comunidade, a maioria dos moradores tende a buscar trabalho em torno da comunidade, o micro abastecimento de água da Associação Amorisa leva água encanada em um trecho de 8,5km para 192 famílias. A Amorisa representa hoje quatro comunidades locais, são elas, o próprio Rio Sagrado, Brejamirim, Candonga e Canhembora, que são comunidades umas semelhantes às outras. Essas comunidades contam com três agroindústrias, sendo uma dedicada a chips de banana, aipim e batata e também com duas que são responsáveis pela produção de farinha de mandioca. A comunidade conta com dois materiais de construção, quatro bares, um aviário local e com quatro igrejas evangélicas e na entrada da comunidade com um supermercado. Nela existem três agroindústrias, um mercado e também dois materiais de construção, mas elas não agregam ao mercado de trabalho a todos os moradores que buscam trabalhar fora da comunidade em determinados locais como Paranaguá, Antonina e Curitiba. Quanto à saúde, a comunidade é atendida por um posto de Saúde Municipal que faz todo o atendimento para os moradores locais com enfermeiras, agentes comunitários, atendimento médico e dentista, sendo que os atendimentos de outras complexidades são encaminhados a outros municípios.

Na educação, a comunidade atualmente possui duas escolas rurais, sendo que uma escola encontra-se desativada, a única escola é a Escola Rural Municipal do Canhembora com aproximadamente 12 estudantes das séries iniciais do ensino fundamental que não possui atendimento educação infantil, os estudantes que

querem dar continuidade aos seus estudos precisam se deslocar até a cidade, sendo que a prefeitura municipal oferece o transporte escolar para os estudantes das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Com a implementação da Universidade Federal do Paraná - UFPR Litoral que está localizada em Matinhos/PR, a comunidade do Rio Sagrado teve a oportunidade de acessar o ensino superior com o curso de Licenciatura em Educação do Campo com a metodologia da pedagogia da alternância, Licenciatura em Linguagem e Comunicação e Bacharel em Administração Pública que são cursos presenciais. Também a comunidade teve cursos que melhoraram a produção do palmito pupunha realizados através da parceria com a UFPR Litoral e Embrapa, esses cursos fizeram com que os agricultores locais melhorassem o meio de produção e manejo do palmito, que com o tempo se tornou um meio de produção da comunidade, substituindo a banana e a laranja.

As oportunidades de cultura na comunidade são poucas, mas o que tomou forma nesses últimos tempos foi esportes de cicloturismo, caminhada, turismo comunitário e esportes ligados à natureza. Um evento importante anual é o Ciclo de Down Hill que acolhe ciclistas do Brasil inteiro.

Referencial teórico

Topônimo é um termo proveniente do grego, em que **topos** significa "lugar" e **onoma** significa "nome". A toponímia pode ser encontrada dentro da linguística, ciência que estuda a língua, subdivididas em Lexicografia que é usada na construção de dicionários. Assim, Terminologia, que estuda os termos específicos de determinadas línguas, e a Lexicografia ou Léxico, que estuda as palavras da língua, são áreas que a compõem. A toponímia está inserida na lexicografia atrelada a Onomástica que busca descrever os nomes próprios dos lugares. Desse modo, entendemos por topônimo o nome atribuído a um determinado local que busque os significados das palavras, seja rua, bairro e pontos geográficos. A toponímia é importante para registrar e valorizar as culturas e histórias de um povo, os relatos passados e também lembrar das determinadas culturas.

Através dos estudos dos topônimos podemos identificar vários fatores culturais de uma região. A toponímia está atrelada dentro de várias disciplinas como

a linguística, a história, a geografia e os estudos sociais. Se buscarmos nas histórias antepassadas, vemos que nomear um lugar é uma atividade muito antiga. Os primeiros relatos das civilizações que ainda encontramos estão nos relatos bíblicos que registraram nomes de regiões, países, reinos, montes, planícies e diversas cidades. Dentro disso, a toponímia apresenta algumas características do que era arbitrário e o que se tornou batismo de um lugar, mas também muitas vezes o nome de um lugar pode persistir, porém, o seu significado primitivo deixa de existir. A toponímia traz elementos linguísticos que na função da onomástica identificam lugares que são processos que revelam a motivação e muitas vezes se torna possível identificar e deduzir o nome propriamente dito e a área que está sendo designada.

Portanto, a toponímia traz a relação com a memória de um povo, mesmo esquecendo a motivação toponímica, mas através da memória de um povo traz consigo o passado, essas lembranças sempre ocorrem em algum momento e em determinado lugar, de forma que descrevem o cenário, a paisagem, plano de fundo, tendo a noção de espaço e tempo que são partes importantes da memória. A história e a memória estão ligadas ao passado: a memória se baseia na experiência e a história é construída a partir de fatos e acontecimentos. Nesses dois conceitos de memória e história há diferenças, Lowenthal (1998) diz que a história é menos aberta a modificações do que a memória, pois nas lembranças que são relatadas de forma oral que circulam em um determinado povo ocorrem alterações com o tempo, mas a história não, pois a história é datada de registros escritos e compartilhada por um grupo maior de pessoas.

Nota-se que a toponímia e história estão ligadas, com isso notamos que a toponímia está em constante evolução e com o tempo começamos a ver mais estudos dos topônimos e elementos históricos de determinadas regiões. Com isso toponímia e memória, estão ligadas à história, e dizem muito a respeito do que sabemos hoje, percebendo nas falas, na cultura, nos discursos dominantes e nas ideologias que os marcam. O topônimo revela aspectos de uma cultura específica e com isso, o discurso nomeante nos traz momentos históricos e socioculturais, portanto a toponímia guarda proximidade com a Análise de Discurso. A Toponímia é associada ao espaço geográfico e histórico, analisando o topônimo e suas

motivações com os povos.

De acordo com Guimarães (2001) o mapa traz fatos e acontecimentos e têm a caracterização desses acontecimentos, pois os diversos relatos temporalizam o acontecimento. O que diferencia é que uma abrange o lugar e dá sentidos e a outra é o passado que não é mais lembrado ou recordado, pois o passado registra o acontecimento de uma memória que é registrada e falada. Dentro disso, a etimologia descreve e qualifica a cidade quando a nomeia, através da enunciação é produzida a etimologia que traz a origem e da os significados e a evolução das palavras. Muitas descrições da enunciação não tem tempo cronológico. A nomeação muitas vezes procura ter intenção de designar que os imigrantes fazem partes do mundo e incluam esses povos na história. Eduardo Guimarães (2001) traz que sem as descrições dos nomes e dos fatos que aconteceram, não tem significados de linguagem, assim relaciona o mapa e linguagem com a história. Em nomes, inclusive das cidades, não produz sentidos e identificação, seja de cidades, ruas, lugares.

De acordo com José Horta Nunes (2001) **a análise histórica discursiva do termo rua se deriva ao léxico“ dicionários da língua portuguesa”**. Todo o discurso se delinea com a relação de outros ou seja, o que dizemos no presente e o que falamos da memória, nisso o que tratamos é o sentido público no espaço urbano que nos dá uma ideia de que o dicionário tem como observar o léxico e nos traz como objetivo de descrever e interpretar as redes de enunciados, mostrando os processos discursivos que constituem.

A linguística, como a gramática e o dicionário, não descrevem a língua natural do falante e não traz seu significado. O Lexicógrafo desenha cidades, introduz nela os sujeitos, delimita espaços e representa as relações sociais. Portanto, o dicionário funciona como agenciador dos falares que estão nas cidades. Assim, descreve os discursos urbanos (seja científico, literário, administrativo ou midiático). As significações trazem a relação da cidade relacionada aos espaços, sujeitos e práticas urbanistas, ligando os meios sociais. De acordo com Jean Marie (2001) a análise de designação de vias do espaço urbano, o autor traz que os problemas de designações, discursivo e linguístico, está na análise que pode ser feita através da semiótica, os signos linguísticos, Bernard Bostredon e Irène Tamba (apud Orlandi: Eni, 2001) trazem que a definição de que o signo tem relação com a

definição da pragmática, pois a restrições impossibilita a análise e o funcionamento semântico das formas discursivas. Um dos exemplos é a palavra **público**, que por volta do século XVII/XVIII, na Inglaterra e França, a palavra **público** fazia parte de um corpo político de elite, que se tornou uma das principais palavras que faziam parte da sociedade. Sistema **público** coloca a observação de que qualquer espaço seja atribuído de qualquer pessoa ao espaço da sociedade. Oposto a palavra **privado** que é relacionado a particularidade de um indivíduo onde pode ser uma área protegida, vida pessoal, família e amigos.

Portanto, ononímia (nome de vias), têm formações restritas, pois a ononímia só é determinada por meio da figuração entre o segmento discursivo e o espaço nomeado. As definições lexicográficas apresentam que a categoria geral que é o gênero e os traços, serão os definidores da palavra, dentro disso, indica o hiperônimo (sentido mais genérico) da palavra a ser definida, porém um dos problemas metodológicos do lexicógrafo é a questão da escolha do gênero, da categoria a ser incluída, que aparece na definição. Aristóteles (apud Orlandi: Eni, 2001) cita que há dois tipos de gêneros, o gênero próximo, que seja parte da espécie e que tenha familiaridade na definição e gênero supremo que não está englobado por nenhum outro. Entretanto, a análise comportamental deve explicar a parte do léxico, pois o dicionário é um dos instrumentos fundamentais que traz a parte prática que desejamos analisar, mesmo estando em contextos específicos da história, estética ou política.

Orlandi (2004) no texto **Cidade e Sentido**, traz uma forma de compreender a cidade através do discurso, a relação entre sujeito, história e língua e seus significados. A cidade tem seus aspectos de variadas culturas, econômica e histórica que fazem parte de um corpo social e urbano, pois a cidade consegue definir em seus espaços onde o sujeito está e qual é a história atribuída ao local e seu espaço. Definir cidade, nos traz a pensar na quantidade de pessoas e pelo tipo de atividade de agrupamento que a relaciona, podemos dizer que a heterogeneidade pode ser a definição mais adequada, pois impõe a característica da cidade que é um grande núcleo, denso e com indivíduos de diversas culturas e etnias. A cidade não pode ser definida apenas no que têm em comum, mas sim, com outros aspectos, seja nas variações da indústria, do comércio, da pesca e outros meios de

sobrevivência.

Observando a cidade podemos ver as diversas variações humanas e sua natureza social. Na nossa observação pela linguagem e escrita, notamos que os sujeitos desempenham um papel fundamental, pois trazem o grafismo e a oralidade, que refletem os seus valores neste espaço. Pensar em cidade através do discurso nos traz a interpretação. Pois a análise do discurso fala das tendências e dos fatos que já constituem o território, porém, a posição da linguística ou seja, a unidade e a diversidade afetam a linguística e a colocam em contradição exemplo; biologismo, logismo, psicologismo, sociologismo, cognitivismo, etc). Esses aspectos afetam a ordem do campo das ciências da língua. Assim, a discussão durante algum tempo girou apenas entre dois campos, a enunciação e a sociolinguística, que seria análise do discurso, uma parte da sociolinguística que traz elementos da enunciação.

Michel Pêcheux (apud Orlandi: Eni, 2004) diz que o discurso é um objeto próprio e tem sua teoria e método. A teoria desenha essas tecnologias de análise da linguagem e estão no campo da pragmática. A Pragmática se caracteriza pela anexação de diversas coisas, ela não traz uma noção fundadora, mas sim, uma noção conciliatória entre língua e fala. O discurso já se apresenta como algo que se acrescenta na linguística, pois a explicação tem como objetivo ser um modelo de seguimento que procura dar conta da linguagem, tirando da mente até seu uso. Dentro disso, estão os métodos de análise que fazem parte da linguística, mas no entanto a noção de discurso não é um dos objetivos de análise. Pois, a Análise de Discurso se caracteriza para entender o que ele é na constituição de um objetivo específico, neste caso a noção de discurso é uma noção fundadora, aberta a questões de sentido, que se fundamenta na perspectiva na materialidade da história para que haja sentido. Deste modo é preciso que a língua se inscreva na história que neste caso entra a interpretação que distinguem o campo da linguagem, pois não há sentido sem a interpretação, pois a interpretação se divide em dois níveis, uma é do analista e do sujeito de linguagem e a outra traz a finalidade de análise que não é de interpretação e sim de compreender como um texto funciona e como produz os sentidos, portanto a relação da linguagem, pensamento e mundo é uma das relações abertas com a interpretação, pois a interpretação trabalha permitindo elaborar ideologias e diferentes noção de ideologia.

A interpretação tem como objetivo deslocar a ideologia de uma formulação sociológica para discursiva, Orlandi (2004) diz que somos todos instigados a interpretar o que falamos, pois as injunções da interpretação trazem a ilusão de conteúdo, mas quando perguntamos pelo sentido o sujeito que relata sempre traz uma história que se referencia, através disso se produz uma ilusão referencial na qual produz um sentido a um conteúdo deste conteúdo passa a ser uma evidência. A ideologia traz a sua característica pela sua fixação e sentido que é um resultado da interpretação. Pois o analista explica como o texto produz esse sentido dentro da escrita, a escrita se mostra visível para o analista pois a discursividade é um dos fatores fundamentais trazendo uma noção ao texto. Já a ideologia e a interpretação permitem que esses processos de produção de sentido. Considerando esse dispositivo se desloca para posições do analista e do sujeito, comparando com a posição do sujeito e a posição do analista, deste modo o analista pode mostrar de uma outra forma a produção do efeito da objetividade da escrita e ideologia do sujeito, que mostra a construção discursiva referente e qual efeito de evidência, além disso, o analista usa semântica do texto, a materialidade sem levar em conta os equívocos e seu gesto de interpretação.

Topônimos do Rio Sagrado

Os topônimos do Rio Sagrado, têm elementos de caracterização da comunidade que são de forma oral e trazem consigo toda a significação cultural e histórica local que é contada por moradores. Alguns desses topônimos trazem significados de ervas medicinais que eram usadas na época e também de frutos que animais se alimentavam, a maior parte desses nomes são de origem do tupi-guarani e de caçadores da época. Estas nomeações podem ser observadas nas descrições que faremos na sequência:

O **Morro do Arapaçu** de origem tupi-guarani e relacionado a uma espécie de árvore medicinal, localizada na região tem nome dado por os índios daquela época, tem seu significado em tupi-guarani **PEKUMBE**, devida a uma espécie de árvore nativa da região, as cascas eram usadas para uso de fins medicinais, como era a cultura tradicional daquele tempo. Muitos antigos diziam que essa árvore nascia em um espaço geográfico de planalto que tinha uma boa umidade e

luminosidade. Em outras regiões o Arapaçu é conhecido como pássaro, aves insectívoras que se alimentam de insetos apanhados em cascas de árvores, esse pássaro habita em variadas regiões do Brasil até a Argentina.

O **Morro da Arméstica** também uma referência a uma árvore com propriedades medicinais encontrada na região é uma espécie da família botânica **Burseraceae**, nome científico **Protium kleinii Cuatrec**, ou Arméstica. Faz parte das espécies de ervas medicinais que é encontrada na região, a árvore medicinal continua sendo usada até os dias atuais, a casca dessa árvore é para uso de emplastro, pois de acordo com alguns moradores da região a armestica é um medicamento com ação anti-inflamatória e analgésica local, que é usada para o tratamento de dores musculares, contusões, torções, entre outras enfermidades, aliviando a dor eo inchaço na região. A casca também é colocada na cachaça e é vendida como licor em alguns lugares.

A Vatinga de origem tupi-guarani, uma referência a uma árvore também é uma planta, é da família das **chloranthaceas**, com o científico e seu significado é devido uma "Herbácea de frutos brancos", conhecida também por outros nomes: Chá de bugre, Erva cidreira, Cidreira do brejo, hortelã do brejo, Frutinha bala de hortelã (por causa do sabor dos frutos). O local traz este nome onde muitos moradores chamam de Serra devido a ter várias espécies desta planta naquela região que chegam aproximadamente a altura de 3 metros. Os frutos da Herbácea eram usados na época pelos índios tupi-guarani, que faziam chá fortificante da mesma forma que o chá mate. A planta pode ser encontrada em terras úmidas e também nas nascentes de alguns rios, além de brejos e banhados, a planta é encontrada principalmente no bioma do Litoral da mata atlântica e floresta semidecidual presente desde o Pará até o Paraná.

A **Serrinha** referência à serra e traz a sua característica de ser a menor serra entre as maiores que estão em seu redor. O Rio Ribeirão Fundo, nascente na Serra da Vatinga a mesma que é localizada a **Herbácea de frutos brancos**, o rio deságua no Rio Sagrado de Cima que é o principal rio da Comunidade.

A **Nhopecanga** é uma planta trepadeira de origem da família **Dioscorea Chondrocarpa**), e a Serra leva o nome devido a essa espécie de cará nativo da região conhecido também por cara de porco, a planta é um cipó que possui diversos

espinhos, este cará é um dos principais alimentos para os animais da região e rico em vitaminas e um dos principais animais que se alimentam do cará é o porco do mato, tateto e anta.

O **Morro da Palha** se relaciona com a palha da guaricana, uma palmeira, situado no bairro do Rio Sagrado. A Guaricana é uma palmeira subosque conhecida popularmente, o seu nome científico é **Geonoma Gamiova**, Guaricana de folha larga, Ouricana, Palheira de folha larga, Aricanga, que era usada para cobrir os ranchos dos moradores da região do Rio Sagrado. Essa palmeira é encontrada em diversas áreas da mata atlântica, usada também para cobrir ranchos na região da Limeira em Guaratuba e também é utilizada nas floriculturas para confecção de coroas fúnebres e artesanatos, como cestos e móveis.

O **Morro das Pedras** faz referência aos pedregulhos, nomeado pelos antigos, recebeu devido a ser um dos lugares mais pedregosos da região, localizada em área de planalto ou barranco como dizem. De acordo com os moradores, o local foi um dos lugares mais produtivos para plantações de bananas e de fácil acesso aos produtores que faziam o escoamento das suas plantações.

A **Serra do Frade** refere-se aos jesuítas, recebeu o nome devido a ser um caminho onde os padres Jesuítas passavam em sentido a serra da Igreja localizada na comunidade.

A **Serra do Brejamirim** traz esse nome devido ao tucunzeiro, uma espécie de planta nativa da região, semelhante ao tucum que é uma palmeira que cresce e forma grandes touceiras densas podendo atingir de 10 a 12 metros de altura. Ela tem caules cobertos por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Porém o Brejamirim é uma palmeira da espécie do tucunzeiro, mas seu tamanho chega aproximadamente a 1 metro e produz frutos, mas não forma touceiras. A Palmeira Brejamirim foi usada pelos antigos para fazer laço, bodoque conhecidos como estilingues, arco e flecha e também seu fruto era alimento para os animais de grande e pequeno porte, além dos pássaros.

O **Morro do Chiqueirão** é referente ao pantano, nomeado por caçadores da época, recebeu o nome devido a ser semelhante a chiqueiro que se formava nos períodos chuvosos. Neste tempo, animais como a vara de porco do mato, vinham se

banhar ali. Sendo presas fáceis a caçadores.

O **Espigão da Anta** diz respeito ao animal chamado anta. O espigão era farto desses animais, esses mamíferos quando se sentiram encurralados pelos cachorros na época da caça, teve origem nas diversas varas de antas que passavam a noite neste lugar em meio ao espigão. Diz uma lenda que lá nesse lugar os animais tinham um pouco de paz e nas prosas de caçadores, eles contavam que lá tinha uma visagem que amarrava os cachorros e pendurava nas pontas das árvores os caçadores, e depois os soltava para nunca mais lá voltarem e deixarem os animais em paz. Portanto, este lugar foi seguro a estes animais, pois os caçadores não conseguiam perseguir, devido ao difícil acesso que tinham e a temida a visagem que protegia as antas naquele espigão.

O **Candonga** de língua banta, uma referência ao esconderijo, hoje conhecido como bairro Candonga tem aproximadamente 110 famílias, alguns com traços indígenas e outros imigrantes, o nome tem por origem o significado que vem da palavra candongo, aquele que vive se escondendo de algo ou de alguém, no dicionário o nome de (O candongo não pode parar em lugar nenhum). A palavra é de origem africana, de língua banto, esse significado CANDONGO é devido aos escravos que fugiam das fazendas que haviam em torno e se escondiam no Rio Sagrado, pois eles se embrenharam mata adentro, para se esconder, o batismo vem de origem muito antiga e é contada que essa serra recebe o nome de Candonga, que era de difícil acesso e o lugar onde os perseguidos se escondiam e viviam seguros, portanto tinha água boa e caças à vontade.

O **Morro do Cupim referente ao inseto** de origem familiar dos cupins, se originou-se por ser um morro farto de alimentos, descrito por caçadores da época este morro é um local que mais tem cupinzeiros, e por isso variedades de animais como tamanduá, quati, tatu, cutia e outras espécies vinham se alimentar. Para os caçadores o morro do cupim era um dos principais locais fáceis de se caçar, nos finais de tarde empunhavam as suas espingardas pica-pai nas mãos e iam caçar.

Conclusão

Pesquisar sobre a importância da toponímia nos mostra a importância da

história da humanidade e da comunidade através da sua memória. Os topônimos são enunciados linguísticos que carregam os seus significados e, por isso, revelam os aspectos referentes à história de uma comunidade. A partir dos Topônimos do Rio Sagrado, observamos que alguns desses nomes vem da procedência do tupi-guarani destacando que a influência indígena na região remonta a mais de 1.800 anos. Assim, mostramos que as raízes da comunidade não foram perdidas no tempo e revelam novos lugares que foram batizados por caçadores da região, por indígenas e por escravizados que, fugidos, se assentaram na região. Eles, contam esses fatos através de lendas, como podemos ver no nome Espigão da Anta.

A pesquisa e análise revelou que os Topônimos observados são motivados por fatores relacionados a elementos de natureza física, possuindo as características da flora e da medicina, relacionada a Fitotopônimo, manejado pelos indígenas há muito tempo. Isso demonstra que o denominador, no momento de batizar determina que espaço geográfico, é fortemente influenciado por características referentes ao ambiente que os rodeiam.

O objetivo desta pesquisa, foi em buscar as origens e destacar o Rio Sagrado e da comunidade na história, destacamos que foi atingido de forma satisfatória, pois catalogamos 13 topônimos da comunidade e conseguimos descrever sua origem e os seus significados e realizar a análise etimológica, morfológica dos topônimos catalogados.

Além do mais, em relação a outro objetivo aqui proposto, de investigar o que ainda não tinha sido explorado na pesquisa toponímica, os objetivos foram de realizar o levantamento dos topônimos presentes na comunidade e analisar os seus sentidos e funcionamentos da memória em relação a história, conseguimos ver que a comunidade ainda está voltada para os topônimos de origem tupi, e muitos desses topônimos tupis retrata a fauna e flora da região, como ervas medicinais e frutas. Isso porque, na pesquisa já existente, foram averiguados apenas os designativos que nomeiam as comunidades de alguns topônimos de procedência tupi que são citados na comunidade, tanto os que batizam os acidentes físicos, como morros e serras, mas não origem, e nomes científicos de alguns topônimos tupi. Assim, a realização dessa pesquisa alcinhada os conhecimentos e significativos sobre o léxico-toponímico do Rio Sagrado, pois, a partir da análise dos designativos de

etimologia tupi pertencentes, é possível reaver aspectos sócio-históricos e culturais de um grupo que ocupou determinado lugar.

Portanto, podemos dizer que os Topônimos de origem tupi, integram a memória da comunidade do Rio sagrado já que as influências indígenas têm as suas significações desde 1550 como cita na pesquisa, trazendo as suas designações. Isso porque grande parte do léxico toponímico é de etimologia tupi. Considerando que a língua tupi está recebendo uma forte ocultação e muitos a consideram morta, a pesquisa nos mostra que estudar as toponímias e os topônimos revelam que a cultura indígena está inserida na maior parte das nomenclaturas da comunidade, os significados dos tupis ainda exercem grande influência sobre o português nos dias atuais, refletindo as suas memórias históricas e suas linguagens.

Por fim, coloco que as informações contidas nesta pesquisa, possam contribuir para futuras pesquisas relacionadas à Toponímia, porém, os estudos voltados para essa área, no Brasil, ainda é limitado, pois traz muitas vezes nomes e suas enunciações, mas não os seus significados concretos. Deste modo, alguns topônimos podem ser da mesma nomenclatura de outras regiões, mas sempre tem seu significado atribuído ao espaço geográfico de uma determinada região específica.

Referências

- BOSI, Ecleia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** 51 Ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.
- FORNIER, Jean - Marie. Os nomes de ruas: uma forma de discurso estritamente urbana. in: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, Pontes Editores, 2001. p. 111 - 121.
- GUIMARÃES, Eduardo. Um mapa e suas ruas. In: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, Pontes Editores, 2001. p. 95 - 109.
- CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LEÃO, Ermelino de. **Antonina: factos e homens: da idade archeolithica: à elevação a cidade**, Curitiba, Secretaria de Estado de Administração do Paraná, 1918.
- LOWENTHAL, David et al. Como conhecemos o passado. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 17, 1998.
- PILANÇO, Jefferson de Lima. **A pesquisa mineral no século XVII: o mapa da baía de Paranaguá**, de Pedro de Souza Pereira, (1653)
- MARTINS, Romário **História do Paraná** Editora Rumo São Paulo 1939
- NUNES, Jose Horta. O espaço urbano: A rua e o sentido público. In ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, Pontes Editores, 2001. p. 101 - 109.
- SILVA, Isael Alves. O resgate de histórias de lendas e contos da comunidade do Rio Sagrado - Morretes/,PR. Artigo de conclusão - Curso de licenciatura e educação do campo ciências da natureza. UFPR . 2019. 19P.
- ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, Pontes Editores, 2001.
- _____. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, Pontes Editora, 2004.

_____ Cidade e sentido. In_____. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, Pontes Editores, 2004. p. 17 - 26.